

DIVIDIR PARA CONQUISTAR

Ernesto Luiz de Assis Pereira
Clube de Xadrez de Curitiba CXC
elap@terra.com.br

I – Introdução

O termo que dá título a esse trabalho, Dividir Para Conquistar (DPC), tem suas origens na Antiguidade Clássica, mais precisamente nos primórdios da civilização romana.

Poderá até ser mais antigo ainda, mas foram os romanos que souberam como ninguém utilizar técnicas de divisão das hostes inimigas para conquistar território ou ganhar uma batalha.

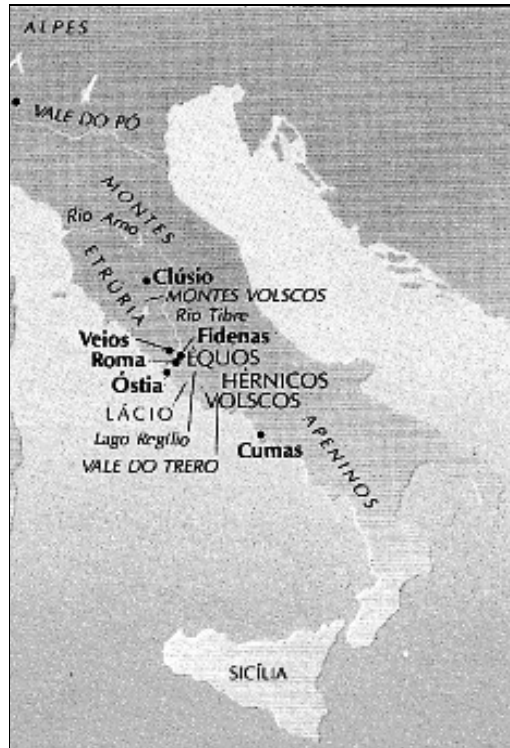
Em síntese, DPC significa dividir o inimigo em duas ou mais partes ou regiões que, separadas e tolhidas em seus recursos de comunicação, isoladamente oferecem condições mais favoráveis de conquista e domínio.

As técnicas de divisão são variadas, consistindo no aproveitamento de cenários orográficos e acidentes geográficos naturais (presença de rios, cadeias de montanhas, vales, etc.), na manutenção de efetivo militar no interior da posição inimiga, na cooptação de forças que eram aliadas dos inimigos, na disseminação de informações falaciosas com o intuito de semear a discórdia entre os comandantes inimigos, etc.

Assim está escrito na obra “**História em Revista** – *Time Life Books* – Volume “A Elevação do Espírito” – Capítulo “A Aurora Romana”, páginas 108 e 109:

“(…) Roma e as cidades da Liga estabeleceram um pacto de defesa. Assinado em 493 a.C., o tratado previa a paz perpétua entre latinos e romanos, ajuda mútua em caso de guerra e participação igualitária em quaisquer presas. Roma, por sua vez, abandonaria sua pretensão de hegemonia sobre o Lácio. O tratado também estipulava a generalização dos direitos de cidadania, permitindo que latinos e romanos realizassem negócios e mantivessem propriedades em qualquer uma das cidades. Isso contribuiu para uma unificação econômica e social da região e foi crucial para a futura unificação dos povos da Itália, realizada por Roma.

*A principal ameaça militar à nova aliança veio dos montes Apeninos. Duas tribos das montanhas, os équos a leste e os volscos a oeste, invadiram o Lácio diversas vezes durante o século V a.C. **Com o objetivo de introduzir uma cunha entre os montanhese**, romanos e latinos formaram outra aliança, desta vez com os hérnicos, um povo que vivia entre os équos e os volscos. **Essa foi uma das primeiras aplicações de uma tática que se tornaria característica entre os romanos: dividir para conquistar.**” (sem destaques no original).*



O mapa mostra a península itálica por volta de 400 a.C, quando a emergente Roma conquistava territórios às cidades-estados etruscas, ao mesmo tempo que combatia tribos guerreiras, como os volscos e o équos. (retirado da mesma obra já citada).

Em que pese a Arte da Guerra ter evoluído e aperfeiçoado as técnicas de enfrentamento, a par da evolução mortífera do armamento, ainda hoje esse recurso tem larga aplicação, agora não só no âmbito militar, sendo estendido a outras áreas onde o jogo político, o conflito de interesses, a competição e o sucesso empresarial, entre outros, jogam papel importante nas relações humanas.

No Xadrez, em face da luta esportiva que se desenrola entre os adversários, técnicas de DPC se fazem presente em grande número de partidas.

Se esse conceito for estendido até a ultima forma, pode-se dizer inclusive que qualquer plano com objetivo de desorganizar as forças do adversário, tais como isolamento de peças, desorganização da defesa, atração de peças adversárias importantes para áreas afastadas e outras formas, constitui aplicação concreta do termo.

Isso, por si só, coloca em relevo a importância de se estudar a fundo e compreender de modo abrangente esse conceito. Muitos de nós, inconscientemente, já estamos aplicando técnicas de DPC nas partidas que jogamos, quando não somos vítimas da mesma técnica provinda de nosso adversário, naquelas partidas que perdemos.

II – Elementos

Como já dito, técnicas de DPC, agora aplicadas ao Xadrez, podem assumir uma gama enorme de variações e possibilidades, estando fora do escopo desse trabalho o estudo extensivo de tema tão amplo.

Sendo assim, essa apresentação ficará limitada ao estudo da presença de peões e peças em postos avançados, no interior da posição contrária.

Segundo estudo de análises e comentários de diversos autores, pode-se concluir que, para o caso em tela, a aplicação da técnica de DPC pressupõe a organização de um mínimo de três etapas:

- a)- Introdução da cunha**
- b)- Proteção e apoio do posto avançado**
- c)- Exploração da divisão de forças do adversário**

Cada uma dessas fases demanda utilização de recursos estratégicos e táticos, que podem ser simples e diretos, ou mediante ciladas, combinações e manobras, dentro da complexidade inerente ao Xadrez. Geralmente, cada fase deve ser precedida de planos e cálculos precisos, onde o conhecimento prévio de situações similares (erudição enxadrística) joga papel de importância máxima.

Isto porque, como não poderia deixar de ser, cada elemento está estreitamente relacionado com os demais, em termos de abertura de possibilidades para as fases subseqüentes, e na exigibilidade de recursos proporcionados pelas fases precedentes para sua permanência, real ou virtual.

Por exemplo, quando da introdução de uma cunha, materializada pela instalação de um cavalo na casa d6, deve-se antever os efeitos que esse posto avançado ocasionará na posição, para os dois lados, em termos de liberdade de ação para as próprias peças, limitação de ação para as peças contrárias, coordenação de forças atacantes, descoordenação de forças defensoras, e o mais.



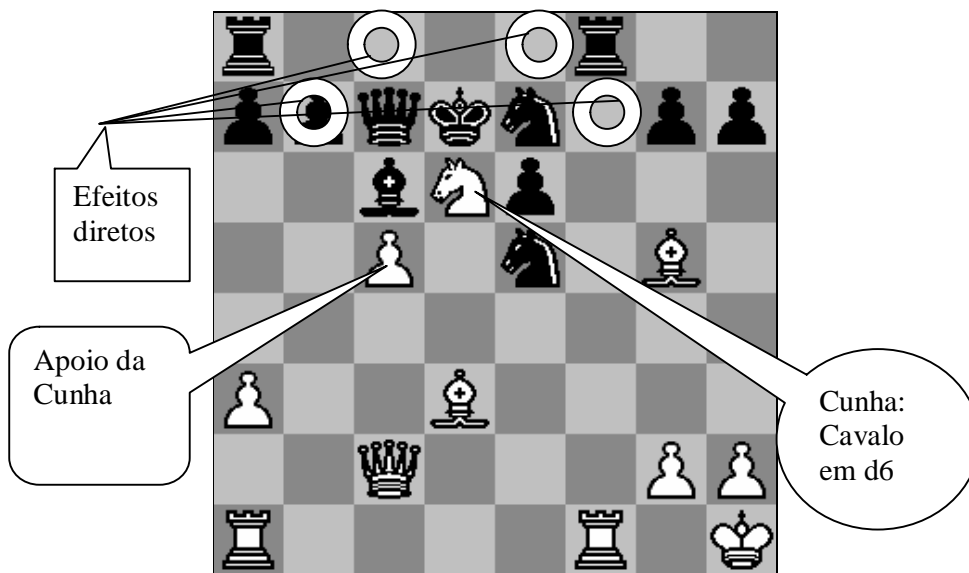
Shamkovitch, L. – Kortchnoi, V
Campeonato Soviético - 1960

Por outro lado, é necessário planejar e calcular a implementação de recursos necessários para a manutenção do posto avançado, inclusive contando com a possibilidade de seu desaparecimento mediante troca ou sacrifício, agora em processo de transformação de vantagem.

O jogador deverá estar sempre atento às oportunidades que se apresentarem na ocorrência de um quadro de DPC, porque em geral a posição adquire caráter agudo e de duplo-gume, onde qualquer falha redundará em situação de inferioridade expressiva, tanto para o atacante como para o defensor.

III – A Cunha

Consiste no estabelecimento de um posto avançado no interior da posição contrária, geralmente a partir da sexta fila (no caso de cunha pertencente ao lado branco) ou até a terceira fila (caso de cunha do lado das pretas). Pode ser materializada por uma peça ou, o que é bastante freqüente, por um peão isolado e passado, tendo este, portanto, liberdade de avanço até a casa de coroação.



A presença de uma cunha na posição contrária implica em **efeitos, diretos e colaterais**, de natureza danosa para o lado defensor.

Os **efeitos diretos** são concretizados pelo domínio de casas importantes no interior da posição contrária, dificultando a mobilidade das peças defensoras e permitindo acessos das peças atacantes, aumentando a dificuldade de defesa.

Por **efeitos colaterais**, devem ser computados:

(i)- mobilidade do posto avançado (no caso de ser uma peça), ou suas ameaças de avanço (caso de ser um peão isolado);

(ii)- em razão da dificuldade de mobilização das peças defensoras, estas permanecem divididas no tabuleiro, em um quadro de descoordenação de forças e afastamento do cenário onde irão se desenrolar ações cruciais futuras, responsáveis pelo sucesso ou fracasso das atividades de defesa;

(iii)- incremento da ação ofensiva das peças atacantes que, tal, como no caso de guerra, tornam-se aptas a participarem de incursões no território adversário, em ações de rapinagem e de destruição de defesas, quando não de ataque direto e mortal ao monarca adversário, destituído de recursos defensivos em face da divisão de seu exército.

(iv)- transformação de vantagem, onde o posto avançado deixa de existir, em ação de sacrifício ou de troca, dando lugar a outro tipo de benefício, geralmente com incremento do domínio do lado atacante, que irá se materializar mediante vantagem posicional expressiva, vantagem material, melhor final ou ataque mortal ao rei adversário.

IV – Proteção e Apoio

A cunha, para render o que dela é esperado, exige como contrapartida proteção e apoio das peças atacantes.

Proteção, por motivos óbvios: precisa da guarda de peças ou peões para sua subsistência ante o assédio que irão lhe dirigir as peças defensoras. Essa proteção pode ser realizada por meios diretos ou indiretos.

Os meios diretos consistem em proteção imediata de peças e peões, com facilidade de visualização, seja do lado atacante ou do lado defensor.

Já os meios indiretos de proteção possuem características de maior complexidade. Exigem planos e cálculos, porque a cunha irá se manter sem apoio suficiente visível, sendo sua sobrevivência garantida pela possibilidade de ações táticas, combinações ou transformação de vantagens.

Apoio, no sentido de colaborar com o posto avançado na sua ação efetiva, seja de agressão à peças e peões adversários no caso de a cunha ser uma peça, seja na remoção de obstáculos e pavimentação do caminho para a coroação, caso a cunha seja um peão isolado e passado.

V – Exploração da divisão de forças do adversário

A divisão e ausência de coordenação das forças defensoras proporcionadas pela presença de uma cunha, constituem-se em fatores de debilidade que devem ser explorados ao máximo pelo lado atacante.

E essa exploração é obrigatória, já que, se for dada oportunidade de reorganização de forças ao lado defensor, a situação poderá reverter em prejuízo do lado atacante. A cunha poderá se transformar em debilidade, devendo ser mantida a um custo muito alto, a ponto de consumir recursos vitais para o lado que a possui.

Em um processo de desgaste da efetividade das peças, a posição torna-se comprometida, e a reação do lado contrário, que até então estava na defensiva, poderá ser concretizada em mortais manobras de contra-ataque.

Aliás, esse é o tema de muitas partidas onde, em um processo de indução, um dos lados acena com a possibilidade de ser “atacado” pelo contrário mediante permissão de instalação de uma cunha em sua posição. Em seguida, passa a torpedear esse posto avançado, para obrigar as peças adversárias a se manterem atadas em sua defesa. Então, em manobras flanqueadoras, aproveitando o fato de as forças contrárias estarem ocupadas na defesa de seu posto avançado, irrompem de inopino pela retaguarda, com efeitos devastadores para o lado que, assim iludido, erroneamente decidiu pelo ataque com instalação da cunha.

Portanto, sendo obrigatória a exploração dos efeitos ocasionados pela presença da cunha, o lado atacante deverá empreender ações no sentido de potencializar esses efeitos.

Essa exploração, o mais das vezes, é expressivamente facilitada pelas peças que apóiam a cunha. Ao emprestarem seu poder de fogo para apoio do posto avançado, o mais das vezes esse poder é estendido a outras áreas da posição contrária, seja pela maior liberdade de movimento que adquirem, seja pela coordenação que possuem com as demais peças atacantes.

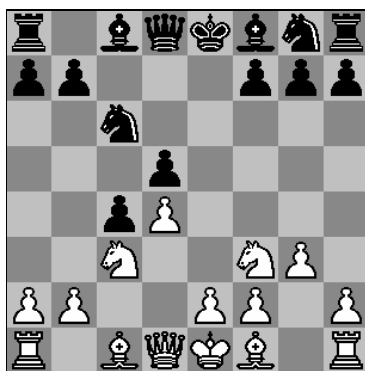
Também as peças que não participam no apoio à cunha podem agir com efeitos devastadores na posição contrária. Isto porque, se o lado defensor já encontra dificuldades para resistir aos efeitos da cunha e de suas peças de apoio, estará ainda mais debilitado e dividido para enfrentar forças invasoras adicionais.

VI – Partidas

a)- Reshevsky, S. – Stahlberg, G **Torneio de Candidatos** **Zurich – 1953 – D33** **Gambito da Dama Recusado**

Nesta partida a cunha toma a forma de um peão passado e isolado na casa d6, talvez o caso de ocorrência mais freqüente de técnica de DPC.

1.d4 d5 2.c4 e6 3.Cc3 c5 4.cxd5 exd5 5.Cf3 Cc6 6.g3 c4



A Defesa Sueca, que era utilizada por Stahlberg e Stoltz, os dois GMs suecos mais expressivos daquela época. Com o subsequente 7...Bb4, pretas pretendem enfraquecer o ataque ao seu peão de d5, e com 8...Ce7 reforçam a defesa sem temer a cravada caso ele estivesse em f6.

Contudo, 6...c4 ocasiona considerável valorização do peão branco de d4, Quando ele se torna um peão passado após a ruptura e2-e4, ele agirá como elemento de restrição à ação das peças pretas. E o peão preto de c4 não poderá cumprir papel equivalente, pelo fato de não ser passado e agir com menor poder sobre a posição branca (Bronstein).

7.Bg2 Bb4 8.0-0 Cge7 9.e4 dxe4 10.Cxe4 0-0 11.Dc2



Uma novidade de Reshevsky. 11.a3 Ba5 12.Da4 é o usual, porém com 12...Bg4 as pretas atacam o peão de d4 e trocam-no pelo seu peão de c4.

O principal objetivo de 11.Dc2 é o de permitir a mobilização rápida da torre de al para d1 com ganho de tempo mediante ataque direto ao peão de c4. O sacrifício do peão de d4 constitui-se em variante secundária e desfavorável para as pretas, já que se 12...Cd4 13.Cd4 Dd4 14.Td1 De5 15.Bf4, recuperando o peão com uma colossal vantagem em desenvolvimento.

Com a torre em d1 apoiando o peão d, este torna-se muito móvel, podendo caminhar até a sétima fila onde criará perigosas possibilidades táticas. (Bronstein)

11...Dd5 12.Be3

Permitindo às pretas colocarem seu bispo em f5, quando após 13.Ch4 Cd4 14.Bd4 Dd4 15.Cf5 Cf5 16.Tfd1 De5 17.Td5 Dd5 18.Cf6 ou 16...Db6 17.a3 Ba5 18.Dc4, as peças brancas estão muito mais ativas que as do adversário. Aqui, a ameaça é b4, e

se 18...Db2 segue Dc5 com duplo ataque ao cavalo de f5 e ao bispo de a5 (Bronstein).

Cg6 13.Ch4 Db5 14.Cxg6 hxg6 15.a3 Be7 16.d5

Candidato a cunha, o peão tem liberada sua marcha pela coluna d, já que se 16...Dd5 segue 17.Cf6+ (Ernesto).

16...Ca5 17.d6



Fica assim instalada uma cunha no interior da posição das pretas. Pelo efeito direto de sua ação sobre a casa e7, o bispo preto tem de retroagir para d8, já que se 17...Bf6 poderia seguir 18.Cf6+ gf6 19.Bd4 Rg7 20.Dc3 Df5 21.Tfe1 com a mortal ameaça 22.Be4 Dg5 23.h4 (Ernesto).

O jogo poderoso e concreto de Reshevsky literalmente não permite ao adversário fazer sequer um lance de sua livre escolha. Pretas são continuamente forçadas e enfrentar ameaças sem um momento de respiro. Essa partida é bem característica do estilo de Reshevsky e indubitavelmente é uma de suas melhores produções nesse torneio (Bronstein).

17...Bd8

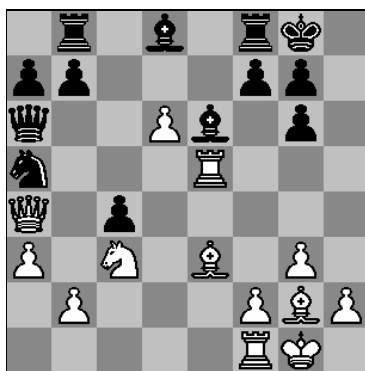
Resta assim configurada a ação DPC. As pretas ficam em situação dividida e descoordenada, faltando comunicação entre as duas alas, em face da presença efetiva da cunha em d6.

Nos lances a seguir, as brancas colocam em atividade sua torre de a1, melhorando ainda mais o posicionamento de suas forças e restringindo a ação das peças do adversário, em especial a Dama.

18.Cc3 Da6 19.Tad1 Bg4 20.Td4 Bf5 21.Da4 Tb8

Com a intenção de jogar 22...b5, liberando pelo menos um pouco sua posição. Contudo, brancas não permitem sequer essa alternativa (Bronstein).

22.Td5 Be6 23.Te5!



O peão em d6 está sem defesa e a torre em e5 pode ser atacada de quatro modos distintos. Entretanto, cada uma dessas alternativas ocasiona perda material para as pretas. Assim, Stahlberg limita-se ao modesto 23...b6 para defender o cavalo e transferir sua Dama para c8 (Bronstein).

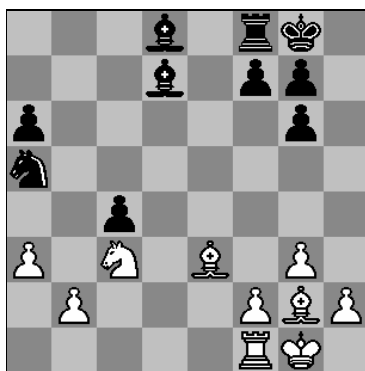
23... b6 24.d7

A cunha avança, agora em processo de transformação de vantagem. Ao ser trocada pelo peão b das pretas, a posição resultante superior e a efetividade de ação das peças brancas constituem-se em fatores mais que suficientes para garantir o ponto inteiro a Reshevsky (Ernesto).

É de se considerar seriamente a alternativa de 24. Te6, uma vez que a Dama e o Cavalo das pretas estão afastados de seu monarca. Os peões pretos fracos resultantes do sacrifício de qualidade, bem como o controle e a ação exercida pelos bispos brancos mais que compensariam a perda da qualidade. Entretanto, as variantes devem ser trabalhadas mas eu estou convencido de que as chances não seriam ruins para as brancas. Eu recomendo que o leitor investigue as continuações 25.Cb5, 25.Dc2 e 25.Bh3, após o sacrifício 24.Te6.

O lance 24.d7 realizado por Reshevsky também é forte, sendo diretamente ditado pela pressão do relógio. Sem tempo para pensar, ele prefere encaminhar a partida para um estágio técnico, onde tem inquestionável vantagem (Bronstein).

24...b5 25.Txb5 Txb5 26.Dxb5 Dxb5 27.Cxb5 a6 28.Cc3 Bxd7



Desaparecida a cunha, a posição resultante é claramente superior para as brancas. Suas peças são mais ativas e os enfraquecidos peões pretos da

ala da dama convertem-se em objetivos de ataque. Portanto, o processo de transformação de vantagem constituiu-se em manobra de êxito das brancas (Ernesto).

29.Td1 Bc8

As peças brancas estão muito bem posicionadas, enquanto que os peões pretos são fracos e devem cair ante a ação de torre e bispo brancos (Bronstein).

30.Ce4 Be7 31.Bc5 Bxc5 32.Cxc5 Bf5

Uma confissão de que a partida é sem esperança, ou um simples erro? Provavelmente o último (Bronstein).

33.Cxa6 Te8 34.Bf3 Cb3 35.Rg2 Bc2 36.Td7 Bf5 37.Td1 Bc2 38.Td7 Bf5 39.Td6 Be6 40.Cc7 Te7 41.Cxe6 1-0

b)- Alekhine, A. – Gregory, B

Torneio Nacional Russo de Aficionados

São Petersburgo – 1909 – C28

Abertura Vienense

Nesta partida a cunha toma a forma de um peão passado e isolado na casa e6, participando ativamente em ataque direto ao monarca das pretas.

1.e4 e5 2.Cc3 Cf6 3.Bc4 Cc6

O melhor é 3...Cxe4! (Alekhine).

4.d3 Bb4 5.Bg5 Cd4 6.a3 Bxc3+ 7.bxc3 Ce6 8.h4!

Uma forte jogada. A alternativa 8.Bd2 d5 9.exd5 Cxd5 10.De2 f6 (Alekhine).

8...h6

Se 8...Cxcg5? 9.hxcg5 Cg8 10.g6! (Alekhine).

9.Bd2 d6 10.Df3?!

O plano de avançar o peão g, iniciado com esse lance é algo descuidado e isento de força real. O desenvolvimento simples a base de 10.Ce2 seguido de 11.Cg3 teria sido suficiente para dar às brancas jogo superior sem complicações. (Alekhine).

10...Bd7 11.g4 De7 12.g5 Cg8

Aqui o jogador das pretas devia ter aproveitado para trocar sua inativa torre de h8, após o qual teria jogo satisfatório. Por exemplo: 12...hxg5 13.hxcg5 Txh1 14.Dxh1 (14.gxf6?! Txcg1+ 15.Re2 Txa1 16.fxe7 Tg1! com vantagem das pretas) 14...Cg8 15.Dh7 0-0-0. Pretas teriam rechaçado o avanço atrevido de seu adversário mediante manobra ao mesmo tempo precisa e enérgica. Agora, pelo contrário, apenas justifica esse ataque mediante a tática inferior que utilizou (Alekhine).

13.Tb1 Bc6 14.Ch3 Rd7

Era melhor 14...hxg5 15.hxg5 0-0-0 16.De3 Rb8 17.Tg1 com uma posição complicada com possibilidades para as pretas. O monarca preto estaria mais seguro na ala que no centro, onde estará exposto a um ataque com êxito (Alekhine).

15.Dg4!

Com a intenção de colocar o cavalo no centro depois de uma troca de peões em f4 (Alekhine).

15...Tf8

Preparando o contra-ataque 16...f5, que será refutado pelas brancas mediante um bonito sacrifício. Em todo caso, o jogo das pretas já estava comprometido pelo erro cometido em seu 14º lance (Alekhine).

16.f4 f5

Se 16...h5 17.Dg3 exf4 18.Cxf4 Cxf4 19.Bxf4 Bxe4? 20.0-0! com ataque ganhador (Alekhine).

17.exf5!

A idéia básica desse sacrifício, cujas conseqüências não são fáceis de encontrar, é ameaçar o bispo preto. Mais ainda, as brancas pretendem avançar o peão d (lances 21 e 22) para tornar insustentável o peão b (Alekhine).

17...Bxh1 18.fxe6+



Mediante sacrifício da qualidade, brancas instalam uma poderosa cunha em e6, que isola as peças pretas na ala do rei da defesa de seu monarca (Ernesto).

18...Rc8

Se 18...Re8 (18...Rd8 é ruim por 19.Dg1 e 20.Da7 com ameaça de mate) 19.Dg1 d5 20.Bb5+ Rd8 (20...c6 21.Bxc6+) 21.Bd7 e ganham as brancas (Alekhine).

19.Dg1!

A Dama branca penetrará nos pontos vitais da posição contrária sem perda de tempo (Alekhine).

Alcançado o objetivo de dividir as forças adversárias, as brancas prosseguem a ofensiva mediante ativação ao máximo de suas forças, em manobra de assédio ao desprotegido monarca preto (Ernesto).

19...c6!

Um recurso engenhoso. Se agora 20.Dh1 d5 21.Bb3 De6 e as pretas tomam a iniciativa. Se 19...Rb8 20.Dxh1; e se 19...b6 20.Dxh1. Em ambos os casos, as brancas capturam o bispo em h1 e manteriam o ataque, com vantagem material (Alekhine).

20.Dxa7! ... 21.Tb7 20...c5

A única forma de impedir 21.Tb7 (Alekhine).

21.d4!



Só essa manobra pode demonstrar a exatidão da combinação iniciada no 17º lance. As pretas não podem tomar o peão, porque depois de 21...ed4 22.cd4 cd4 23.Ba5 e o mate é inevitável (Alekhine).

Observe-se a paralisação total das forças defensoras, motivada pelo controle de casas críticas d7 e f7 pela cunha de e6, com a casa f6 sendo controlada pelo peão avançado de g5. Esse cenário de domínio proporciona a abertura de linhas para as peças brancas, em caso de trocas em d4, ou a viabilização de corte da importante linha de comunicação do bispo de h1 (diagonal h1-a8), isolando-o da defesa de seu monarca (Ernesto).

21...Dc7 22.d5



Agora a ameaça 23.Tb7 é indiscutível. Se 22...Db8 23.Da4 Td8 (não serve 23...Dc7 por 26.Tb5! seguido de 27.Ta5) 24.Tb7! Rb7 (se 24...Db7 25.Ba6) 25.Da6+ Rc7 26.Dc6 mate (Alekhine).

Alekhine prossegue em seu propósito de isolamento total das forças contrárias, deixando o monarca preto assistido apenas pela sua Dama, à mercê do assédio de Dama, Torre e Bispos brancos. Não desconsiderar que, a qualquer momento, o avanço do peão de c3 poderá colocar em ação o famigerado bispo branco das casas pretas, que apenas aguarda sua oportunidade para ameaçar de morte o rei preto (Ernesto).

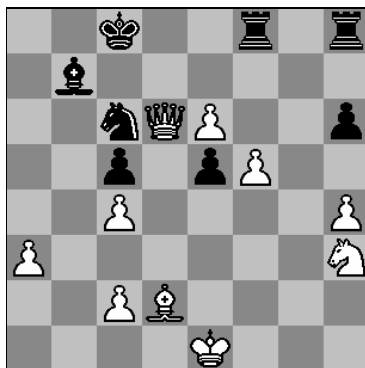
22...Ce7 23.Txb7 Dxb7 24.Ba6 Bxd5 25.c4!



Ganhando outro peão. O bispo preto fica inerte devido à ameaça de 16.Ba5 com mate na jogada seguinte (Alekhine).

A cunha de e6 prossegue intocável, agora por meio indireto (se 25...Be6 26.Db7+ Rd8 27.Bb5, e não há meios de evitar o mate (Ernesto).

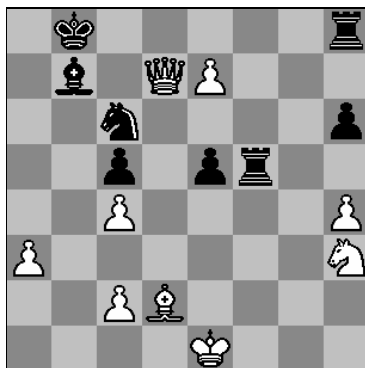
25...Dxa6 26.Dxa6+ Bb7 27.Dxd6 Cc6 28.gxh6 gxh6 29.f5!



O caminho mais rápido. Pretas são forçadas a capturarem o peão de f5, o que implica na perda de uma peça (Alekhine).

Prosseguindo em sua função agregadora, a cunha de e6 agora atrai mais um peão para reforço do ataque (Ernesto).

29...Txf5 30.Dd7+ Rb8 31.e7



Avanço da cunha para a sétima fila, o que sempre pressupõe agravamento da situação do lado defensor. Agora, suas forças são pulverizadas em definitivo (Ernesto).

Cxe7 32.Dxe7 Thf8 33.Dd6+ Ra8 34.Bxh6 T8f6 35.Dd8+ Ra7 36.Be3 Tf3 37.Bxc5+ Ra6 38.Db8 1-0

**c)- Capablanca, J.R. – Bogoljubov, E.
Londres, 1922 – C91
Ruy Lopez**

Nessa partida, a cunha constitui-se na instalação de um cavalo na casa e6, na fase final, sendo substituído por um segundo cavalo, para finalmente a vantagem ser transformada para uma falange de peões em d6 e e6, com efeitos mortíferos para a posição defensora.

1.e4 e5 2.Cf3 Cc6 3.Bb5 a6 4.Ba4 Cf6 5.0-0 Be7 6.Te1 b5 7.Bb3 d6 8.c3 0-0 9.d4 exd4

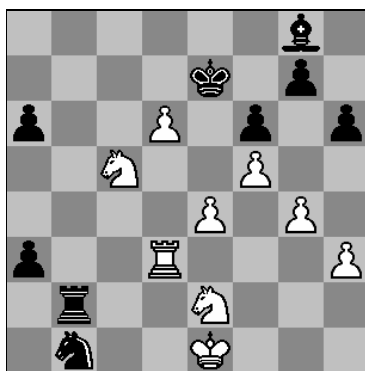
Esse lance e o seguinte constituem novidade teórica de Bogoljubov. 9...Bg4 10.d5 Ca5 11.Bc2 c6 12.dc6 Db6 é mais eficaz, dando às pretas bom contra-jogo. Se 10.Be3, pretas podem entrar na arriscada continuação 10...Ce4 11.Bd5 Dd7 12.Be4 d5 13.Bh7+ Rh7 14.de5. Devido a essas possibilidades das pretas, a variante 9.d4 não é muito utilizada, sendo preferida a continuação 9.h3 evitando a cravada do cavalo de f3 pelo bispo, e posteriormente se joga d4 (Panov).

10.cxd4 Bg4 11.Be3 Ca5 12.Bc2 Cc4 13.Bc1 c5 14.b3 Ca5 15.Bb2

Se 15.d5 as pretas equilibram com 15...Cd7 e 16...Bf6 (Panov).

Cc6 16.d5 Cb4 17.Cbd2 Cxc2 18.Dxc2 Te8

Segundo Capablanca, nesse momento deveria ser jogado 18...Cd7 e 19...Bf6 em seguida, que constitui a realização lógica do plano de Bogoljubov (Panov).



Percebe-se claramente que as manobras de flanco das pretas são insuficientes para equilibrar, ante o jogo coordenado de peças e peões centrais das brancas.

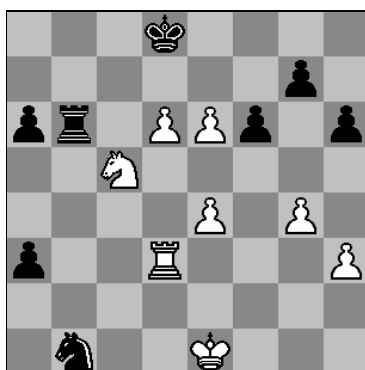
Aqui, o peão d transforma-se em posto avançado, devidamente protegido pela Torre e tendo apoiado seu caminho para a coroação pela mesma Torre e pelo Cavalo de c5. Seguir-se-á então a exploração máxima dessa vantagem, qual seja o processo de transformação que toma curso a partir do lance 49.

Tudo, conforme os requerimentos da posição que foram conceituados nas Seções II, III, IV e V desse trabalho (Ernesto).

47...Rd8 48.Cd4 Tb6

Necessário, para evitar o mate imediato (Panov).

49.Cde6+ Bxe6 50.fxe6



Mediante convincente processo de transformação de vantagem, o posto avançado de e6, em conjunto com aquele já instalado em d6, assume a configuração de uma falange mortal para as hostes pretas. Para evitar o mate imediato, pretas precisam retroagir sua torre uma vez mais, o que as coloca em posição ainda mais passiva, sendo ainda insuficiente para salvar a partida.

50...Tb8 51.e7+ Re8 52.Cxa6 1-0

VII – Epílogo

Muito ainda pode ser dito sobre esse tema. Devido à complexidade dos planos e ações subjacentes à aplicação de técnicas de DPC, bem como à frequência com que se fazem presente na prática, seu estudo deve ser considerado seriamente por todos aqueles que desejam evoluir no seu jogo.

Os conceitos, definições e considerações presentes nesse trabalho podem ser completados e aperfeiçoados, tratando-se meramente de uma abordagem inicial sobre o assunto. Se essa abordagem constituir o passo inicial para a compreensão da importância e estudo mais aprofundado dessa matéria, então ele terá preenchido seu objetivo.

Curitiba, abril de 2009.

VIII – Bibliografia

1. **Ajedrez de Alekhine 1908 – 1923 (My Best Games of Chess)** – *Alexander Alekhine* – Cia. Editorial Continental, S.A. – México, DF – 2a. Edição - 1964.
2. **Capablanca** – *V.N. Panov* – Ediciones Martinez Roca – Barcelona – Espana – 1973.
3. **Campeonato de Ajedrez de la U.R.S.S. 1960** – *Luiz de Marimon* – Ediciones Limitadas Catalán – Esplugas de Llobregat – Barcelona – Espana – 1966.
4. **The Chess Struggle in Practice – Lessons from the famous Zurich Candidates Tournament 1953** – *David Bronstein* – Batsford Chess Books – London – UK – 1980.